

povo sagrado e dos objetos sagrados. Não apenas impureza ritual, mas estas doenças de peles com cascas podem contaminar outra pessoa e o santuário. Transgressões sexuais concernentes a incesto, menstruação e etc., também eram comportamento imoral incompatível com o sagrado, também dessacralizava o santo e violava a santidade da pessoa e mesmo a santidade da terra de Israel [...]”⁹.

Assentando, pensando e, quem sabe, chorando um pouco

Recentemente tenho ficado mais atenta às formas como o ser humano se distancia do outro, despeitando dele, inferiorizando-o, reputando-o como imundo e marginalizando-o. O mundo está enfermo!

Quantas pessoas com doenças crônicas temos conhecido recentemente? Tenho andado por aí e vejo gente sem esperança, sem afeto, sem rumo, sem carinho, sem amor. Tenho me perguntado: “o que posso fazer por essa gente?” Esta pergunta vem me perseguindo nos últimos meses e tenho me indagado se não está na hora de eu me dedicar a algum trabalho efetivo de cuidado com o próximo e não deixar para fazer isso apenas quando dá tempo. Quanta gente neste mundo está enferma ou abandonada, ou pior, enferma e abandonada, e não recebe um carinho, um abraço, um poema há tanto tempo?

Será que quando nos tornamos indiferentes aos processos de destruição que o ser humano vivencia não estamos reproduzindo esta “santa intolerância”? Será que nossa indiferença não é uma declaração do tipo “que se dane”? Será que um “que se dane” deste tipo não é tão sério quanto esmagar os crânios de crianças contra as pedras?

Enquanto escrevo aqui, faço uma prece pedindo por verdadeira libertação. Que sejamos libertos do tecnicismo, do produtivismo, do ativismo, do egoísmo, e de outros “ismos” tão doentios que nos fazem ignorar a dor do nosso próximo, o sofrimento de um indigente e o desamor que leva alguém ao abandono.

Peço por libertação daquelas algemas que nos prendem numa religiosidade cheia de hipocrisia, que prefere ignorar o outro ao invés de se compadecer, e que nos impede de sentar com as pessoas, ouvir seus problemas, segurar-lhes a mão, chorar com elas e fazer uma prece ali, com elas.

E que Deus que nos livre de, com nossa indiferença, dizer: “que se dane”, porque lá no fundo, achamos que não vai fazer a menor diferença.

Isso é o mesmo que esmagar crânios de bebês contra as pedras.

Lília Dias Marianno
Rua Dr. Aníbal Moreira, n. 104 ap. 102
Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
20510-110
[http://espiritualidadeorganizacional.blogspot.com/
lilia.marianno@gmail.com](http://espiritualidadeorganizacional.blogspot.com/lilia.marianno@gmail.com)

9. REGEV, Eyal. *Priestly dynamic holiness and deuteronomic static holiness*. p. 243-261.

JESUS E OS FARISEUS: APONTAMENTOS SOBRE CONFLITOS NO CRISTIANISMO PRIMITIVO A PARTIR DO EVANGELHO DE MATEUS

Marcelo Carneiro¹

Introdução: os conflitos no cristianismo primitivo

Quando se fala de conflitos no cristianismo, muitas pessoas consideram um desvirtuamento do cristianismo original, identificando-se com o relato de Atos 2,42-47, onde o autor de Atos retrata uma Igreja pura, sem mácula e sem defeito. Mas o que essas mesmas pessoas não consideram é que o Novo Testamento está repleto de indícios justamente opostos a essa ideia, que mostram um movimento em conflito – seja internamente ou externamente. O próprio livro de Atos abandona a visão idealista da Igreja, e mostra essas crises, indicando sempre que apesar delas o Evangelho foi propagado por todo o Império Romano. Se formos sinceros o bastante para ler o Novo Testamento dentro desta lógica, perceberemos não somente esses conflitos no início, mas principalmente poderemos aprender com eles.

Um dos conflitos primordiais do cristianismo primitivo tem a ver com suas raízes judaicas. Em outro artigo meu (Estudos Bíblicos 102: Os “inimigos da cruz de Cristo”: Paulo e os antagonistas de Filipos, p. 51-58), abordei o problema de Paulo e seus antagonistas em Filipos, que tinham características judaizantes. Aliás, em Gálatas, percebe-se nitidamente este problema, e a carta reflete o temor de Paulo de que a comunidade da Galácia estivesse deixando a fé na ação do Espírito por um aperfeiçoamento na carne (cf. Gl 3,3). Considerando que era uma comunidade em território não israelita, é curiosa essa influência judaizante.

É possível fazer uma diferenciação entre três fases para um estudo do fenômeno do seguimento de Jesus e de seus conflitos: uma primeira fase do seguimento propriamente dito, com uma relação discípulo-mestre; uma segunda fase da “protocomunidade” de Jerusalém, surgida logo após a morte e ressurreição de Jesus; uma terceira fase, das “comunidades messiânicas”, a partir de 70 dC, principalmente retratadas nos evangelhos de Mateus e João. Para um estudo a partir do Evangelho de Mateus, por conseguinte, temos diante de nós essa última fase, quando os conflitos com grupos do judaísmo eram intensos.

Tendo por princípio que as comunidades palestinas herdaram muito das características do seguimento original de Jesus – com algumas modificações institucionais necessárias –, é interessante levantar alguns dados cuja fonte está ainda no pró-

1. Mestre em Teologia pela PUC-Rio, doutorando na UMESP, professor de Novo Testamento, pastor metodista.

prio Jesus e seu movimento. Alguns aspectos que Stegemann aponta do seguimento de Jesus podem ter sido claramente continuados pela comunidade cristã de Mateus. Esses aspectos se apresentam especialmente na “desviância genuína, mas sem ruptura com o judaísmo”, e mantém a relação com as instituições religiosas do judaísmo, com os elementos básicos da fé judaica, e com a *Torá*.

No caso da comunidade de Mateus o problema com o judaísmo é ainda mais intenso, porque está situada na Palestina, e seus membros são oriundos diretamente do judaísmo palestinese, mais radical e observante da *Torá*. Essa era a situação dos primeiros cristãos – antes de serem assim designados. Eram judeus piedosos que criam no Messias Jesus, não membros de uma nova religião; por isso o conflito com outros judeus, que não criam nesse messias, era inevitável. Essa tensão já devia existir no tempo do ministério de Jesus de Nazaré, mas tudo indica que a tensão entre os grupos se intensificou com o passar dos anos. Uma explicação possível para isso tem a ver com a destruição do Templo, como resultado da Guerra Judaica de 66-70 dC, que trouxe uma série de mudanças significativas para os piedosos palestinese, sejam eles judeus ou cristãos.

Dentre as mudanças destacam-se o fim do sacrifício cultual, bem assim os deveres e práticas religiosas vinculadas ao templo de Jerusalém. Mais importante ainda, o ministério sacerdotal perdeu sua função, tornando-se obsoleto. Abria-se assim um vácuo de poder e autoridade religiosa no ambiente palestinese.

Essa quebra exigiu novas respostas, que culminaram na formação de um judaísmo mais voltado para observância da Lei como princípio de vida, e menos dependente de preceitos rituais ligados ao templo. Importante para isso foi o papel dos sábios e dos mestres da lei, grupo que passou a se destacar a partir daí. Esse período é conhecido como o nascedouro do “judaísmo rabínico” ou “judaísmo clássico”. Ou no dizer de alguns, o “judaísmo formativo” (OVERMAN, 1997, p. 14s.)². O grupo de Mateus vai ter sérias controvérsias com esse grupo, mesmo que cada um estivesse estabelecendo seu próprio projeto, pois “os essênios e os cristãos abandonaram o Templo e estabeleceram seus próprios ritos de piedade e serviço religioso; os fariseus ficaram numa posição intermediária” (GARCIA, 2001, p. 5). É possível que o conflito de fato fosse bem mais amplo e até mais fragmentado, mas as narrativas que chegaram a nós, em especial no Evangelho de Mateus, mostram uma pequena parte dele. Seja como for, há uma tensão crescente entre esses diferentes grupos, diante do vácuo de referência para a fé judaica. No confronto entre a fé mais tradicional e o novo movimento, “os que aderiram ao cristianismo eram hostilizados pelos que os rejeitavam e as perseguições eram constantes” (MAZZAROLO, 2005, p. 5).

No Evangelho de Mateus, percebe-se essa situação, por conta das muitas referências ao problema. Isso ajuda a construir um quadro da comunidade e de seu contexto, em que a fé comunitária torna-se ponto de confronto com o grupo do qual eram oriundos, e

2. OVERMAN chega a afirmar que há uma substancial diferença entre dois: “a evolução do judaísmo formativo para o rabínico foi um processo histórico prolongado e complexo que ocorreu ao longo de um período de várias centenas de anos.”

isso faz a tensão entre os grupos crescer ao ponto da violência e da perseguição. Ele cita vários oponentes a Jesus – fariseus, escribas, chefes de sinagoga, saduceus, sacerdotes, governantes judeus e romanos. Alguns de fato não existiam ou pelo menos não tinham mais a mesma força nos anos pós-70, como os saduceus. Outros se fortaleceram nos processos de descentralização da religião e busca de renovação da identidade, como os *fariseus* e os seus *escribas*, grupos centrais para o estudo em questão.

1. Os fariseus no Evangelho de Mateus

O grupo dos fariseus é um dos mais citados em Mateus como antagonista. Um levantamento dessas citações no primeiro evangelho do cânon neotestamentário pode nos ajudar a elaborar um quadro sobre o que a comunidade de Mateus pensava dos fariseus. Logo em sua primeira aparição, João Batista os chama de raça de víboras, junto com os saduceus (Mt 3,7), uma associação que acontece algumas vezes. No sermão do monte, que é um modelo programático para a vida dos discípulos de Jesus, uma advertência se interpõe logo de cara: a justiça dos discípulos deve exceder à dos fariseus (5,20), uma alusão ao grupo farisaico ainda não tão ofensivo. No mesmo sermão, Jesus adverte contra práticas hipócritas; quem não interpreta um fariseu com essa atitude, tendo como parâmetro a parábola do fariseu e do publicano (em Lc 18,10-14)? No capítulo 9 de Mateus há diversas controvérsias com eles: pela cura de um paralítico em Cafarnaum, em pleno sábado (9,1-8); pelo fato de Jesus comer com pecadores e publicanos (v. 10-13); pelo fato de Jesus não guardar jejum (v. 14-17). Em todos esses casos, Mateus mostra uma perseguição por parte dos fariseus, agravada pela acusação de que Jesus expulsava demônios pelo poder do maioral deles, Belzebu (v. 32-35).

Depois, no capítulo 12, a polêmica entre Jesus e os fariseus volta, mais uma vez por causa de cura no sábado (v. 9-14). A ênfase nesse tema aponta para uma realidade da prática dos fariseus: a ênfase no sábado como tempo de cumprir a vontade de Deus; Jesus mostra que não basta guardar o tempo certo, mas a atitude certa. Neste trecho o autor começa a apontar os fariseus como parte da conspiração para matar Jesus (v. 14). Neste ponto nova acusação dos fariseus contra ele, de que expelia demônios pelo poder de Belzebu, recebe resposta de Jesus, que faz um longo discurso – para os padrões sinóticos – sobre a verdadeira natureza do poder (v. 22-32), complementado por algumas parábolas sobre a árvore, o sinal de Jonas e a estratégia de Satanás. Aqui Jesus começa a se posicionar com força contra o grupo dos fariseus.

Uma das passagens onde esse antagonismo fica bem marcado é a de 15,1-20. Ali, Jesus critica a “tradição dos anciãos” (grego *paradosis tôn presbiterôn*), o sistema da Torá Oral que fundamentou o judaísmo do primeiro século, conforme veremos abaixo. Ali Jesus questiona a religiosidade deles, mostrando que é falseada por um rigor externo, mas que não expressa uma autenticidade interior. A espiritualidade de Jesus aponta aqui sua grande diferença com o grupo dos fariseus: não basta fazer algumas coisas corretas, é preciso ter uma postura de vida onde a misericórdia e a justiça estão presentes (como ele já havia apontado no capítulo 12,7).

Isso não impede, segundo a forma com que Mateus descreve os fariseus, de nova ofensiva deste grupo, pedindo que lhes mostrasse um sinal do céu, mais uma vez se unindo aos saduceus para reforçar o questionamento (16,1-4), ao qual Jesus responde com um duro discurso sobre o “fermento dos fariseus e dos saduceus” (16,5-12). No capítulo 19 nova polêmica, desta vez sobre o divórcio (v. 3-12). Aqui está em jogo, mais uma vez, a interpretação das Escrituras, principal ponto de discordância entre os dois grupos.

Mais à frente, Jesus conta uma parábola severa sobre os lavadores maus (21,33-44), e o narrador explicitamente demonstra que os fariseus “entenderam que era a respeito deles que Jesus falava” (v. 45). Ali aparecem os principais sacerdotes na trama, posto que Jesus já estivesse em Jerusalém. E é neste cenário que eles tentarão pegar Jesus em contradição, na questão do tributo, colocando Jesus frente ao sistema tributário romano (22,15-22); e finalmente na interpretação definitiva da Lei, alvo constante da reflexão rabínica (22,34-40). Em ambos os casos Jesus se sai muito bem, deixando os questionadores sem resposta. Ainda uma última vez ele os provoca, perguntando sobre o Messias (22,41-46). O discurso teológico levantado por ele é tão profundo que os fariseus passam a não mais fazer-lhe perguntas, segundo o narrador, pois fica evidenciada a superioridade do Messias em relação a Davi.

Depois disso, no capítulo 23, Mateus coloca Jesus realizando um longo discurso contra os escribas e fariseus. Neste discurso, há uma introdução de advertência para os discípulos, sobre a posição de autoridade dos fariseus, sua prática hipócrita e seu desejo de poder (v. 4-12). De fato não há uma crítica ao ensino, mas à prática não coerente. Em seguida Jesus começa uma série de aís imprecativos (v. 13-36), em número de sete, com introdução e conclusão. Os temas vão desde a busca de novos seguidores por parte dos fariseus, especialmente entre pessoas não judias, mas que eram simpatizantes da fé monoteísta (v. 13-15), passando por crítica à forma tortuosa pela qual os fariseus cumpriam a Torá, dando mais importância a leis rituais do que à prática da misericórdia e a justiça (v. 16-24), até várias imprecavações pela forma vazia e hipócrita como os fariseus alimentavam sua espiritualidade (v. 25-36). Nesta passagem os escribas, algumas vezes citados de forma positiva (como na parábola de Mt 13,51-52), são igualmente hostilizados, provavelmente porque se tratava de escribas ligados aos fariseus.

A última citação aos fariseus no Evangelho de Mateus se dá após a morte de Jesus, quando demonstram preocupação pela guarda do corpo do crucificado, evitando assim uma possível armação dos discípulos dele (27,62-66). Mas a iniciativa não impediu a ressurreição, pelo contrário, reforça o relato posterior. É a introdução de Mateus à narrativa da ressurreição, colocando-a no contexto dos chefes judeus.

2. Descrição histórica dos fariseus

O grupo dos fariseus é descrito historicamente por alguns como “um partido religioso, no judaísmo, que se aplicava a estudar profundamente a lei mosaica e as tradições dos antepassados, e propugnava a mais rigorosa observância da sua interpretação

da lei”³. Além disso, são caracterizados como um movimento leigo originado da resistência contra o esvaziamento dos ideais religiosos tradicionais do judaísmo por parte da realeza sacerdotal secularizada (os saduceus). Entretanto, dependendo da fonte a qual consultamos, a configuração do grupo dos fariseus pode ter diferentes características. Flávio Josefo os designa como grupo de interesse político, que teria surgido como tal por volta do final do século 2 aC, na época de João Hircano. Na literatura rabínica que surgiu a partir do século 3 dC os fariseus são indicados como mestres, a partir das escolas de Hillel e Shammai, dois fariseus notáveis do primeiro século, o que dificulta a interpretação das descrições.

De um modo geral, no entanto, há evidências de que os fariseus compunham associações, ou grupo de comensais, que desejava ter influência sobre Israel, mas não alcançou essa proeminência. A composição social desse movimento, segundo pesquisas recentes, indica uma pertença aos estratos superiores, tanto da elite quanto do séquito. Mas pode ter havido uma mescla maior nos estratos sociais. O problema está em que as fontes não são precisas com relação às atividades diárias e o meio de vida dos fariseus. Diferentes teorias sobre a posição dos fariseus na sociedade judaica têm sido refutadas. Atualmente, acredita-se nesse grupo como “conservadores que eram servos letrados da classe governante e tinham uma proposta para a sociedade judaica e influência junto ao povo e junto aos seus patronos” (SALDARINI, 2005, p. 294).

O nome do grupo deve derivar do hebraico *p^rushîm*, da raiz hebraica *prs*, que pode significar “os que estão separados”, ou “separatistas”⁴. Essa designação é pouco frequente na literatura rabínica, sendo muitas vezes usada pelos seus adversários de forma pejorativa, significando, em sentido negativo, “sectários” ou mesmo “hereges”, afastados dos outros de modo ilegítimo. Com exceção de Paulo e Flávio Josefo, os sábios palestinos não se autodenominavam assim. O significado dessa separação, em sentido positivo, pode ser de pessoas que se retraíram da sociedade judaica normal ou da sociedade gentia, a fim de observar a lei judaica (pureza, dízimo) mais rigorosamente. É possível entender o sentido de *prs* como “intérpretes”, o que estaria de acordo com a abordagem do Novo Testamento sobre o grupo, no qual demonstra que os fariseus tinham sua própria interpretação da Lei.

Pelo contato com a cultura helenista, desenvolveram aspectos inovadores no judaísmo. Formaram importantes escolas, como as de Hillel e de Shammai, de onde surgiu o movimento do rabinismo, que existe até hoje. Também enfatizaram a possibilidade do indivíduo cumprir a vontade divina, contra o conceito tradicional da salvação coletiva. Em termos de doutrinas, acreditavam numa sinergia entre Deus e os homens; na ressurreição dos justos e na punição dos maus; acrescentavam Tradição Oral (Haggadah e Hallakah) à Torá mosaica; estavam próximos do povo simples (!), e tem seu respeito; honravam os antigos e buscavam ter comunhão entre si.

3. FRAINE, J. de, “Fariseus”, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 557.

4. Cf. FRAINE, J. de, “Fariseus”, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 557.

Uma das práticas mais importantes dos fariseus foi a observância da *Torá* Oral, ou, nos termos de Josefo, das tradições (*paradosis*, citada por Mateus em 15,2-3). Ele mesmo explica a questão nas Antologias Judaicas (13.10.6 – 297):

O que eu gostaria agora de explicar é isto, que os fariseus entregaram ao povo muitas observâncias segundo a tradição de seus Pais, que não estão escritas na Lei de Moisés; e, por esta razão, os saduceus rejeitaram-nas e dizem que devemos honrar as observâncias que estão em nossa palavra escrita, e não observar aquelas que são derivadas da tradição de nossos antepassados. Quanto a essas coisas, grandes disputas e diferenças surgiram entre eles.

Essas tradições defendidas pelos fariseus se chocaram com a interpretação de Jesus e conseqüentemente com a comunidade de Mateus, conforme se percebe em várias passagens (Mt 12,1-13; 15,1-20; etc.). Isso porque “tanto o judaísmo formativo como a comunidade de Mateus estavam preocupados em legitimar suas crenças e comportamento” (OVERMAN, 1997, p. 71). Em termos práticos, se trata de interpretar a Lei e defender uma *paradosis* adequada à existência de cada grupo, que acabava entrando em choque com a visão do outro grupo, visto como adversário. Curiosamente, todos têm em mãos o mesmo instrumento (a Lei e os Profetas como escritura reguladora) e o mesmo propósito (realizar a vontade de Deus).

Entretanto, não eram apenas os cristãos que tinham conflito com os fariseus. Eles tinham clara oposição por parte dos saduceus, que os consideravam hipócritas e rejeitavam sua *paradosis*. Flusser relata a respeito que “em seu leito de morte o rei saduceu Alexandre Janeu advertiu sua esposa não contra os verdadeiros fariseus, mas contra os ‘pintados’” (2002, p. 46). Os essênios chamavam os fariseus de “caiadados” (cf. *Documento de Damasco* (CD) 8:12, 19:25, apud FLUSSER, p. 46, referência que encontramos em Jesus (cf. Mt 23,27s.). Na verdade os essênios detestavam os fariseus, mas também rejeitavam sua doutrina, ao contrário das comunidades cristãs, que tinham bastante correlação doutrinal com os fariseus. Flusser afirma que, do ponto de vista de modo de doutrina, Jesus pode ser comparado a um fariseu, num “sentido *mais amplo*” (2002, p. 48). Mas se considerarmos como Jesus enfrentou os essênios e a ligação destes, historicamente, com os governantes helênicos e pró Roma, essa citação passa a ter um caráter pejorativo. Seria, então, uma distorção, ou exagero por parte dos cristãos para afastar possíveis seguidores dos fariseus, e buscá-los para seu grupo.

Overman aponta para a questão do desenvolvimento de tradições como parte da construção social de um grupo que produz um novo movimento numa sociedade. É preciso dar autoridade normativa à maneira como o grupo se organiza, para que as gerações seguintes se guiem pelos mesmos valores. Nas palavras dele, “para que o movimento sobreviva, as pessoas precisam esquecer gradualmente que essa ordem social foi estabelecida por pessoas e continua independente do consentimento de pessoas. Essas construções sociais do movimento precisam passar a ser identificadas com uma autoridade maior, mais estabelecida e tradicional” (1997, p. 70).

3. Analisando o conflito com os fariseus a partir de Mateus

Comparando as descrições narrativas que Mateus faz dos fariseus, com os elementos históricos e análises feitas por especialistas a respeito desse grupo, podemos perceber algumas questões de fundo da comunidade de Mateus em sua convivência com setores do judaísmo no terceiro quartel do primeiro século:

1 – De tudo o que mostramos a respeito do confronto entre Jesus e os fariseus, não sabemos exatamente o que Mateus recolhe das tradições anteriores dos cristãos, e o que ele ampliou ou mesmo criou, a partir dessas tradições. O indício de que houve esse confronto está no estudo das fontes: tanto Marcos quanto “Q” – algumas fontes para Mateus – retratam esse problema. Outra evidência está em Lucas, que não compartilha, a princípio, do mesmo cenário de Mateus e Marcos, e mesmo assim retoma vários episódios de confronto, como o do sábado (Lc 6,1-5), a acusação de Jesus ter o poder de Belzebu (Lc 11,14-23), e de forma indireta as advertências de Jesus sobre os fariseus (Lc 12,1-12), além de algumas outras citações. Uma análise de conjunto parece indicar que as hostilidades entre cristãos e fariseus não se originou posteriormente, mas teria sua origem ainda durante o movimento de Jesus de Nazaré, pelos anos trinta da era cristã.

2 – Fica evidente a hostilidade entre os dois grupos. Por um lado, os fariseus procuram evidenciar falhas e contradições de Jesus, o que é um forte indício do clima de desconfiança e rejeição que o movimento de Jesus sofreu no ambiente palestinese. Para eles, os seguidores de Jesus seguem a Belzebu, um falso messias, que transgride a Torá diversas vezes, mas especialmente o sábado. Do lado dos cristãos, em contrapartida, há uma série de acusações pela forma como os fariseus praticavam uma espiritualidade vazia e formal, deixando de praticar a misericórdia e o amor, sinais reais do reino de Deus no mundo.

3 – Mateus associa os fariseus aos saduceus, aos herodianos e aos sacerdotes do Templo. Pode ter havido algum ponto de contato entre esses grupos, mas historicamente os fariseus eram destacados desses outros, pois seus membros não faziam parte das famílias dominantes. Isso mostra que Mateus é parcial na sua versão dos fariseus; para ele, não passam de corruptos que se envolveram com os setores dominantes, desrespeitando o povo e os crentes fiéis.

4 – A maneira como Mateus mostra os fariseus criou a ideia de que eram afastados do povo, críticos e distantes. Na verdade, o povo admirava os fariseus, limitando-se nas prescrições legais que exigiam sofisticação, mas buscando seu ensinamento. Mais uma vez o quadro parcial de Mateus quer reforçar a ideia de líderes falsos, movidos por ganância e sede de poder. Numa disputa de poder entre grupos – poder de atração e capacidade de agregar novos membros – uma das armas é a acusação de falsidade por parte do outro. Parece que Mateus entrou por esse caminho, que é considerado um processo normal, do ponto de vista sociológico. Resta pensar de que forma se pode superar essa barreira para uma reaproximação com a comunidade judaica contemporânea, se pensarmos que aqueles grupos nem existem mais.